



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR - UCSAL

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

SAULO MACHADO CUNHA

**VELHICE E LAÇO SOCIAL NA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA
IDOSOS: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

SALVADOR

2023

SAULO MACHADO CUNHA

**VELHICE E LAÇO SOCIAL NA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA
IDOSOS: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profº Drº Isael de Jesus Sena.

SALVADOR

2023

AGRADECIMENTOS

aos meus pais, que me proporcionaram coisas que um sem-número de palavras não poderiam dizer.

ao meu irmão, que ri comigo nas idas e vindas.

à Diêgo Oliveira, Felipe Santos, Elisa Mascarenhas e Gabriel Meirelles, amigos que fizeram este percurso valer a pena.

ao Profº Meº Júlio César Hoenisch, pela incansável transmissão da psicanálise, pelas supervisões hardcore que certamente irão marcar minha clínica e pela amizade construída ao longo dos anos.

ao Profº Drº João Marcos de Oliveira, que me é não menos que uma referência de docência preocupada com seus efeitos e que pregou, com seu exemplo, a dimensão do cuidado e sensibilidade no fazer psi.

à Profª Drª Elaine Rabinovich, por ter-me guiado nas veredas tortuosas do fazer científico, não deixando de perguntar se eu me encontrava bem.

ao Profº Drº Isael Sena, pelo acolhimento deste trabalho e incentivo à continuação da minha formação na academia.

à Profª Drª Silvana Sarno (in memoriam), pela convocação constante à um saber que só se constrói em relação, pelo exemplo de uma douta ignorância e pelo ânimo de um ensino que abria espaço para o desejo.

à FAPESB, pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa científica nesse estado.

As máquinas de fazer nada não estão quebradas.

Arnaldo Antunes

Pelas veredas de uma serra
segue um velho camponês
ao longe a voz de um jovem.

Abbas Kiarostami

Eu também um dia fui uma brasa
e acendi muita lenha no fogão
e hoje o que é que eu sou?
[...]
e eu, que já fui uma brasa
se assoprarem, posso acender de novo.

Adoniran Barbosa

RESUMO

Neste trabalho, a velhice institucionalizada foi posta em foco na articulação com a literatura em psicologia e em psicanálise, cujo objetivo geral foi refletir como se dá a constituição dos laços sociais de idosos na Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Foi realizada investigação caracterizada como estudo de caso, articulando-se os operadores de leitura próprios ao dispositivo psicanalítico. Recorreu-se a uma ILPI localizada no município de Lauro de Freitas (BA). Participaram da pesquisa dois idosos, uma do sexo feminino e um do masculino, seguindo os critérios de possuir idade igual ou superior a 60 anos e residir em ILPI por no mínimo (1) um ano. A análise dos dados foi realizada por meio de método de investigação em psicanálise chamado “texto-clínico”. Os achados desta pesquisa indicam que o modo dos sujeitos constituírem laço social perpassa o aspecto da singularidade, que abrange suas histórias de vida, suas maneiras de conceber a própria imagem e sua relação com o desejo. Indica-se que as ILPI possam implicar-se em seu fazer a partir de ferramentas que auxiliem no reconhecimento do sujeito em sua singularidade, refletindo sobre as condições para constituição de novos laços sociais, implicando-se nos processos transferenciais, preocupando-se com o autoconceito dos sujeitos e possibilitando a abertura necessária para que o desejo possa surgir e circular para além de seus muros.

Palavras-chave: Velhice; Laço social; ILPI; Psicanálise.

ABSTRACT

In this work, institutionalized old age was put in focus in articulation with the literature in psychology and psychoanalysis. The general objective of the study was to reflect on how the social bonds of the elderly in the Institution of Long Permanence for the Elderly (ILPI) are constituted. An investigation characterized as a case study was carried out, articulating the interpretative operators proper to the psychoanalytic device. An ILPI located in the municipality of Lauro de Freitas (BA) was used. Two elderly people participated in the research, one female and one male, following the criteria of being aged 60 years or older and residing in an ILPI for at least (1) one year. Data analysis was carried out using a research method in psychoanalysis called “clinical-text”. The findings of this research indicate that the way the subjects form a social bond permeates the aspect of singularity, which encompasses their life stories, their ways of conceiving their own image and their relationship with desire. The ILPI can be involved in actions based on tools that help in the recognition of the subject in his/her singularity, reflecting on the conditions for the constitution of new social bonds, involving him/herself in the transference processes, being concerned with the subjects self-concept and enabling the necessary opening so that desire can emerge and circulate beyond its walls.

Key-words: Old age; Social bond; ILPI; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	2
1.1 A velhice entre o discurso da psicologia, gerontologia e psicanálise	2
1.2 Laço social e Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)	8
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	11
2.1 Contextualização da pesquisa	12
2.2 Participantes	12
2.3 Instrumentos de coleta de dados	13
2.4 Procedimentos de análise dos dados	14
2.5 Considerações éticas	15
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	15
3.1 (Entre)laços: família e instituição	15
3.1.1 (Des)enlaces com a família	15
3.1.2 Do impossível do laço aos laços possíveis: instituição e reconhecimento	19
3.2 Enlaces com a instituição: (h)a transferência	21
3.3 Laço social e narcisismo	23
3.4 A questão do desejo: a vida antes e depois da morte	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

APRESENTAÇÃO

Este trabalho fez parte de um estudo de iniciação científica, no projeto de pesquisa intitulado “A velhice avançada em idosos institucionalizados: vivências, sentimentos e significados em relação à família e à Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)”, que teve como objetivo inicial pôr em perspectiva as narrativas de idosos que vivem em instituições de longa permanência. O estudo foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a Elaine Rabinovich, e instigado a tornar-se um trabalho de conclusão de curso.

Neste trabalho, a velhice institucionalizada foi posta em foco na sua articulação com a literatura em psicologia e em psicanálise, cujo objetivo geral foi refletir como se dá a constituição dos laços sociais de idosos nas ILPI's, considerando que a maneira como estes participam da vida social afeta sua saúde, autonomia e subjetividade. Quanto aos objetivos específicos, se propôs investigar (1) a constituição dos laços com familiares e amigos; (2) os modos de se relacionar com a instituição, a partir do conceito de transferência; (3) a articulação dos modos de constituir laço social baseando-se no narcisismo e; (4) a relação dos idosos com o desejo.

Foi realizado um levantamento bibliográfico utilizando como critério de seleção de artigos e livros as palavras chaves ‘velhice’, ‘envelhecimento’, ‘laço social’, ‘relações sociais’, ‘instituição de longa permanência para idosos (ILPI)’ e ‘psicanálise’. Recorreu-se, também, a autores considerados importantes no campo da psicanálise e da psicologia, não havendo critérios rígidos para seleção e avaliação de trabalhos, se caracterizando como uma revisão do tipo narrativa, que objetiva descrever e discutir o desenvolvimento do tema. (ROTHER, 2007)

O trabalho está estruturado em três partes, a saber: (1) fundamentação teórica, onde foram trabalhadas as articulações entre velhice, psicologia e psicanálise, bem como os aspectos relacionados à Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e o laço social; (2) delineamento metodológico, buscando apresentar os participantes da pesquisa e estabelecer a chave de leitura a partir do referencial psicanalítico de orientação lacaniana e; (3) resultados e discussões, onde foram discutidos os enunciados e enunciações de idosos acerca de suas vivências e modos de constituição de laço social no interior da instituição.

Este estudo é relevante na medida em que destaca a vivência e experiências de institucionalização de idosos, visto que esses espaços são conhecidamente marcados pela

precariedade de laços sociais, negligência familiar e ausência de políticas públicas mais efetivas voltadas à inserção social deste grupo etário.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A velhice entre o discurso da psicologia, gerontologia e psicanálise

O campo compreendido como psicologia do envelhecimento investiga os padrões de comportamento associados ao avanço da idade, buscando diferenciar os comportamentos considerados típicos da velhice com os de outras idades. (NERI, 2013) Para Araújo e Carvalho (2005), um dos desafios iniciais à psicologia do envelhecimento foi articular os conceitos de desenvolvimento e envelhecimento, colocado que anteriormente eram vistos como antagônicos. Para este campo, a velhice pode ser definida como:

[...] um processo universal [...] determinado geneticamente para os indivíduos da espécie, motivo pelo qual é também chamado de envelhecimento normal [...] tem início logo depois da maturidade sexual e acelera-se a partir da quinta década de vida, marcado pela cessação ou diminuição da possibilidade de reproduzir a espécie e por mudanças fisiológicas e morfológicas típicas. (NERI, 2013, p. 20)

As contribuições teóricas e as investigações empíricas mais importantes em psicologia do envelhecimento se deram nos últimos sessenta anos, emergindo, desde então, de três paradigmas em psicologia do desenvolvimento: (1) ciclo de vida, também conhecidas como teorias clássicas; (2) curso de vida, entendidas como teorias de transição; e (3) desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life-span*), compreendidas como teorias contemporâneas. Os dois primeiros paradigmas partem da concepção de crescimento-culminância-contracção, com a diferença de que as teorias de transição compreendem o desenvolvimento como um processo dialético, questionando a ideia de linearidade, imbricada nas teorias clássicas. Já as teorias contemporâneas do desenvolvimento ao longo de toda a vida são orientadas pelo paradigma *life-span*, que estabelece que a adaptação se localiza no tempo e espaço, atribuindo à fase da vida um importante contexto. Assim, o paradigma *life-span* se preocupa com uma abordagem mais integrada, dinâmica e contextualizada do desenvolvimento (NERI, 2013), partindo-se da “heterogeneidade intra e interindividual do envelhecimento” (BATISTONI, 2009, p. 14) em sua articulação com os aspectos biológicos, psicossociais, socioeconômicos e socioculturais. (BATISTONI, 2009)

Neri (2013) aponta que as teorias contemporâneas agrupam uma série de microteorias, como a teoria da dependência comportamental ou aprendida de M. Baltes (1996), a teoria da seletividade socioemocional de Carstensen e Turk-Charles (1994), a teoria do controle

primário e secundário de Heckhausen e Schulz (1995) e a do eventos críticos do curso de vida de Diehl (1999). De forma geral, estas microteorias têm feito parte de estudos longitudinais e enfocam os “aspectos particulares do comportamento e do desenvolvimento social, afetivo e cognitivo” (NERI, 2013, p. 41), produzindo novos conceitos pertinentes ao campo da psicologia do envelhecimento.

Um exemplo de microteoria importante, compreendida dentro do paradigma do *life-span* atual e que diz respeito ao objetivo desta pesquisa, é a teoria da seletividade socioemocional, como pensada por Carstensen e Turk-Charles (1994), em que a velhice seria um momento de redistribuição e seletividade adaptativas nas relações sociais dos idosos, que reduzem a amplitude de seus vínculos e passam a ter relações que proporcionem maior retorno emocional.

Batistoni (2009) comenta que a maioria das teorias e práticas relacionadas ao processo de envelhecimento ainda se encontra no âmbito internacional, cabendo à psicologia e outras disciplinas produzirem subsídios para uma prática articulada ao contexto brasileiro.

Outra importante disciplina de estudos sobre o envelhecimento, que abrange um enfoque multi e interdisciplinar, é a gerontologia. Para Netto (2013, p. 69), a gerontologia tem como finalidade “o estudo das pessoas idosas, as características da velhice enquanto fase final do ciclo de vida, o processo de envelhecimento e seus determinantes biopsicossociais”. Como disciplina, subdivide-se em três grandes áreas: (a) gerontologia social, (b) gerontologia biomédica e (c) a geriatria. A gerontologia social trataria dos aspectos não orgânicos, como as características psicológicas, antropológicas, sociais, econômicas etc, enquanto que a gerontologia biomédica admite a visada biomolecular buscando responder as perguntas sobre como e por que envelhecemos. Já a geriatria preocupa-se com aspectos voltados à atenção à saúde com enfoque na prevenção e cura de doenças, admitindo as subespecialidades da medicina. (NETTO, 2013)

Dentro da disciplina gerontológica de forma geral, muito tem se falado acerca da qualidade de vida atrelada ao envelhecer, também conhecido como envelhecimento positivo ou envelhecimento bem sucedido (LIMA *et al.*, 2012), onde se busca compreender as alterações não patológicas do envelhecimento, investigando os impactos sobre a funcionalidade dos idosos. (NETO, 2000 *apud* NETTO, 2013) Segundo Netto (2013), os fatores associados ao envelhecimento bem sucedido envolvem baixo risco de doenças e incapacidades funcionais relacionadas, funcionamento físico e mental excelentes e envolvimento ativo com a vida, diferenciando-se assim do envelhecimento comum, onde fatores externos como a sedentariedade, tipo de dieta, hábitos de vida, etc., acentuam o

processo de envelhecimento. Nessa discussão, Lima, Silva e Galhardoni (2008) defendem que um indicador para avaliação de qualidade de vida em idosos é a subjetividade. Assim, ao falar sobre a experiência da velhice, a própria percepção dos idosos é um aspecto fundamental, acarretando que falar de envelhecimento “bem-sucedido” pode implicar inúmeros sentidos.

Em artigo que discute o campo da gerontologia como ciência, Prado e Sayd (2006) assinalam os riscos de um enfoque normatizador no discurso de certa gerontologia capturada pela lógica prevencionista e intervencionista, que coloca a velhice como um problema social:

Lá, nos laboratórios, onde se buscam no genoma respostas definitivas para doenças como o câncer, a obesidade e (porque não?) para a feiúra, a velhice. Lá, nas mesas cirúrgicas experimentais, onde a tecnociência vislumbra um futuro em que plásticas ou implantes, nos braços, olhos, cérebro e células possam nos conduzir ao prolongamento da vida, com mudanças substantivas em nossos corpos, talvez sempre belos e jovens. Lá, onde a informática, os computadores artificialmente inteligentes possam estar a nós conectados por muito e muito tempo. Pelos séculos dos séculos, na terra ou no espaço. (PRADO e SAYDE, 2006, p. 500)

Para estas autoras, o esforço atual é que a gerontologia possa apropriar-se de uma epistemologia para aprofundar conceitos próprios à ela, podendo caminhar para além do curso de produção científica atual que, no limite, "conduz à eliminação [da velhice]". (PRADO e SAYDE, 2006, p. 500)

Quanto aos estudos em gerontologia que focalizam o aspecto das relações sociais de idosos, duas teorias surgem como mais utilizadas em estudos e intervenções: a Teoria do Desengajamento e a Teoria da Atividade. A primeira indica que existe um afastamento natural e espontâneo dos vínculos sociais com o aumento da idade, enquanto que a segunda preconiza que um envelhecimento saudável é marcado pela inserção em atividades sociais, se afastando da crença estereotípica de uma velhice inativa. (SIQUEIRA, 2002)

Nota-se que a velhice sob o foco de campos como o da gerontologia e/ou psicologia assume amplitude inter e multidisciplinar que subdividem o seu objeto — os idosos, a velhice, o envelhecimento — em categorias que abrangem desde a biologia molecular aos processos cognitivos, psicológicos, até as influências sociais, políticas de atenção à idosos etc. Têm-se que a própria dificuldade na conceituação do que é o envelhecimento desemboca na diversificação dos olhares a esse objeto, de onde o esforço inter e multidisciplinar pode constituir um horizonte capaz de oferecer um melhor nível de compreensão acerca do fenômeno.

Dito isso, é preciso indicar a posição da psicanálise, que constitui o referencial desta pesquisa, com os discursos mencionados acima, no sentido de introduzir a particularidade de sua perspectiva, a partir de seus operadores.

A psicanálise, a partir de Freud (1856-1939) e Lacan (1901-1981), pouco tem se ocupado em provocar a construção de um saber que possa ligar a velhice às suas teses fundamentais. Não é difícil encontrar as razões históricas e epistemológicas que eximem o campo psicanalítico de se aprofundar no tema. A primeira delas refere-se aos primórdios da psicanálise. Freud, no texto intitulado “Psicoterapia” (1905), chegou a dizer que, na velhice, o material a ser tratado exigiria um tempo por demais dispendioso, faltando aos idosos “a plasticidade dos processos psíquicos de que depende a terapia”. (FREUD, 1905/2016, p. 342)

Com a releitura de Freud empreendida pelo psicanalista francês Jacques Lacan, o estatuto do sujeito do inconsciente passa pela concepção de que o inconsciente desconhece a noção de tempo cronológico. Sendo assim, não é possível, ao nível do sujeito, envelhecer. A partir do referencial lacaniano, o sujeito é constituído por marcas deixadas pelo Outro¹, de maneira que estas irão balizar sua vida seja na fantasia, no desejo, em seus modos de relação, nos sintomas e na organização das defesas, se reatualizando com as contingências. Este ponto de partida permitiu à psicanálise se afastar do ideal desenvolvimentista, na medida em que não há ‘fases’ que seriam ultrapassadas ou suplantadas umas pelas outras, seja por uma sequência cronológica ou pelo ganho/perda de determinadas características. (MUCIDA, 2022, p. 26) Rejeitando a ideia de que a psicanálise seja uma teoria do desenvolvimento, a orientação lacaniana enfatiza a noção de estrutura, e estará preocupada com o modo singular que cada um estabelecerá em relação à linguagem, ao sintoma e ao gozo.

Todavia, têm-se um problema. A máxima “o sujeito não envelhece” parece eximir os analistas de se debruçar sobre o tema do envelhecimento. Curiosamente, tal concepção não explica, por exemplo, o crescente número de pesquisas referentes à clínica infantil e da adolescência, que têm encontrado interesse e respaldo no interior do campo. Com a senescência, não se pode encontrar o mesmo: “há uma tendência em igualar a velha idade à adultez”. (MUCIDA, 2022, p. 25)

Em artigo dedicado à produção científica na intersecção psicanálise e envelhecimento, os autores Santos *et al.* (2019) resumem contribuições realizadas ao campo compreendidas no período de 2011 a 2015. Foram identificados sete artigos com enfoque clínico e dois categorizados como abordagens psicanalíticas do envelhecimento. Santos *et al.* (2019) destacam a falta de interesse, pelos analistas, em investigar a intersecção entre idosos e psicanálise, apontando a necessidade de mais investigações e estudos de casos, defendendo

¹ O Grande Outro, na teoria lacaniana, diz respeito à alteridade fundamental constituída como determinante na formação da subjetividade. É a instância simbólica que produz marcas no sujeito, que o antecede, podendo ser compreendida como a linguagem, a cultura e as estruturas sociais.

um reposicionamento da psicanálise no que diz respeito a postura de investigação nessa intersecção, como também de práxis voltada não somente à clínica, mas também nas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

Dos poucos autores de orientação lacaniana que podemos encontrar ao tratar deste tema, Mucida (2022) se destaca e, por isso, será uma das referências basilares neste estudo. Junto a ela, podemos dizer que apesar de levar-se em conta a tese de que o sujeito não envelhece, ela não dá conta das peculiaridades da clínica dos idosos, nem do fato de que temos um corpo que envelhece. Assim, a autora propõe a articulação da velhice aos registros Imaginário, Simbólico e Real², como propostos por Lacan. (MUCIDA, 2022) Sendo assim, cabe situar o que é, para a psicanálise, a velhice.

Há, para determinado discurso, uma categoria social: os idosos. Dessa forma, prescrevem-se comportamentos, afecções biológicas, cuidados, enfim; pautados estatisticamente, que delimitam o quê/como são os idosos, os velhos. A partir de Lacan, sabe-se que um discurso, seja qual for, se inscreve no sujeito de maneira a produzir seus efeitos. Propriamente, dirá que o inconsciente é o discurso do Outro e possui estrutura de uma linguagem. (LACAN, 1998) Isso nos permite dizer que o sujeito se reconhece como velho pelo olhar do Outro, isto é, com base nas referências estabelecidas por este. A velhice é, então, um efeito de discurso. (MUCIDA, 2022)

Sendo assim, podemos formular a pergunta: o que dizem os discursos que circulam na contemporaneidade acerca da velhice? ‘Incapacidade’, ‘inatividade’, ‘cansaço’, ‘abandono’, ‘solidão’, ‘velhice ativa’ são exemplos de significantes vinculados socialmente à velhice. Nesse sentido, Castilho (2012) aponta o discurso do capitalismo que, atrelado ao discurso da ciência, desloca a velhice ao lugar ora de cuidado, ora de consumo. Assim, faz-se necessário o esforço de demarcar alguns significantes nos discursos que constituem a cultura, na medida em que estes inscrevem-se nas histórias dos sujeitos sempre de maneira singular.

De outra forma, tratar de velhice em psicanálise é remeter às questões referentes à imagem do corpo e a perspectiva da proximidade da morte. De fato, a velhice é um momento em que as transformações corporais anunciadas pelo tempo são mais evidentes, “diante das

² Lacan define o Imaginário, Simbólico e Real como “os registros essenciais da realidade humana” (1953/2005, p. 12). O registro Imaginário é caracterizado pelo predomínio da relação especular, marcada pela imagem do semelhante e pelo narcisismo, incluindo também o campo do sentido. O registro Simbólico designa a ordem preestabelecida, abrangendo o conjunto de sistemas simbólicos subjacentes à cultura, cuja estrutura fundamental é a estrutura de linguagem (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991). O registro Real diz respeito àquilo que é da ordem do impossível de ser simbolizado, irrepresentável, resistente à subjetivação e que nos afeta como acontecimento (MUCIDA, 2022).

quais o sujeito só poderá fazer um trabalho de luto”. (MUCIDA, 2022, p. 110) A dimensão imaginária, que diz respeito a certa consistência de percepções que se tem de si, encontra-se abalada pelas perdas e limitações impostas pela velhice. Isto significa dizer que pensar a velhice exige uma (r)elaboração do narcisismo, da relação do velho com os objetos e seus investimentos libidinais e do encontro com a irrepresentabilidade da morte.

Mucida (2022) articula que a velhice pode ser vivida como o que Freud chamou de sentimento infamiliar, sendo “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar”. (FREUD, 1919/2010, p. 331) Pode-se dizer que o sentimento de estranheza familiar surge no momento em que a fronteira entre fantasia e realidade se confunde, e algo antes visto como fantástico aparece na realidade. (FREUD, 1919/2010) Nesse caso, a própria velhice, com o que ela comporta de novas marcas, surge como algo infamiliar ao sujeito, que antes só havia posto tal acontecimento em perspectiva através de um tempo longínquo. É assim que Mucida (2022) argumenta que o encontro com a velhice admite sempre um singular arranjo que cada sujeito pôde fazer a partir de sua história erótica e afetiva e de seu enlaçamento imaginário com o mundo do simbólico, para dar tratamento ao real da velhice.

Ainda tratando dos efeitos mais iminentes do encontro com o Real na velhice, a condição de envelhecimento escancara a dimensão de desamparo e de um limite — chamado em psicanálise de castração — que se traduz pelo contato mais imediato com perdas de vínculos, de condições fisiológicas, simbólicas e, finalmente, pelo encontro com a finitude:

Morte e luto, fracasso e perda fazem parte da estrutura da vida e, portanto, acompanham o sujeito. Por paradoxal que seja, porque há morte é que sabemos da vida; é porque há perda que buscamos os objetos; é porque algo falha, não se escreve, que tentamos escrever; é porque o gozo é barrado que podemos gozar. É pelo desamparo que a vida transita. (MUCIDA, 2022, p. 145)

Deste choque, Mucida (2022) admite a hipótese de que quanto mais o sujeito pode consentir com a falta fálica, com a castração, mais poderá suportar e ser inventivo quanto à sua própria velhice, já que suportar que algo falta é abrir espaço para que o desejo possa surgir como desejo sempre de outra coisa — aberto ao novo e ao contingente. Se a velhice escancara a condição de desamparo e incompletude, o que se teme nela não é tanto a proximidade da morte em si, já que esta não admite possibilidade de representação, sendo ela mesma inacessível: “[...] no fundo ninguém acredita na própria morte [...] no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade”. (FREUD, 1915/2010, p. 230) Sendo a morte irrepresentável, o que se teme, de fato, é a morte do desejo que revelaria a falta da falta: a

própria condição para o aparecimento da angústia. (MUCIDA, 2022; LACAN, 1962-1963/2005)

Foi visto que o discurso da psicanálise, também conhecido como discurso do analista³, começa por questionar o “idoso” construído como categoria social, colocando-o como sujeito em relação, historicizando suas queixas, abrindo-lhe ao caráter singular. Comentou-se, também, acerca de questões significativas evidenciadas pela velhice e como a psicanálise considera que somente o modo singular de enlaçamento do sujeito com os recursos imaginários e simbólicos poderá determinar o modo de relação que este irá estabelecer com a própria condição de envelhecimento. Ressalta-se que a psicanálise traz a possibilidade de operar reintroduzindo a dimensão subjetiva “muitas vezes elidida pela ênfase nos aspectos técnicos e na demanda de produtividade”. (CASTILHO, p. 52)

1.2 Laço social e Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)

Neste estudo, tem-se ainda o recorte específico da investigação de um envelhecimento que acontece nos contextos das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). As ILPIs são locais preparados para receber pessoas com 60 anos ou mais, durante período indeterminado de tempo. Segundo dados do IBGE de 2010, o Brasil possui mais de 100 mil idosos residentes em instituições de longa permanência, dos 18 milhões de pessoas com mais de 60 anos. (IBGE, 2011) Os números de idosos institucionalizados devem crescer devido ao aumento da população idosa, que deve dobrar em 24,3 anos, segundo projeções do IBGE (IBGE, 2016). Conforme Abreu, Fernandes-Eloi e Sousa (2017) e Camarano & Barbosa (2016), existe uma baixa quantidade de pesquisas e artigos no que diz respeito a essa modalidade de cuidado e aos impactos psicossociais na institucionalização de idosos no Brasil.

As mudanças colocadas pela dinâmica institucional constituem modos de envelhecer distintos dos encontrados em outras configurações de moradia. Diversos autores apontam para os impactos psicossociais do processo de institucionalização de idosos, que traz consequências em diversos aspectos da vida, sejam eles sociais, físicos, familiares e psicológicos. (ABREU; FERNANDES-ELOI; SOUSA, 2017; EVANGELISTA *et al.*, 2014;

³ O discurso do analista é um entre os quatro discursos formulados por Lacan, sendo os discursos os meios de constituição do laço social. O discurso do analista admite uma proposta ética ao possuir “um modo próprio de formalizar os impossíveis e paradoxos da relação do sujeito com o laço social” (BISPO, 2014, p. 77). No Seminário 20, Lacan indica que o discurso do analista surge na passagem de um discurso para outro, e que é próprio desse discurso a movimentação e desestabilização dos discursos instituídos no laço social (BISPO, 2014).

ROZENDO; JUSTO, 2012) Por um lado, as instituições oferecem acesso a saúde, segurança, bem como outros tipos de assistência, sendo fatores determinantes para a decisão de morar numa instituição. De outro modo, questões como medo, exclusão familiar, incerteza e solidão são aspectos que podem surgir no processo de institucionalização. (EVANGELISTA *et al.*, 2014)

Autores como Rozendo e Justo (2012) enfatizam que é comum, em instituições asilares, um cenário de desvitalização, marcado pelo silêncio, vazio, com idosos infantilizados, prostrados e abatidos. No que diz respeito ao tratamento dado aos idosos nas ILPIs, acabam por surgir categorias que visam classificar os idosos em torno de signos como dependência/independência; demência/lucidez; sanidade/loucura; capacidade/incapacidade. (ROZENDO e JUSTO, 2012) Nesse contexto, Silva e Finocchio (2011) identificam a predominância do descrédito pelo saber do idoso, o apagamento das singularidades, o abandono e o desamparo. Para Mucida (2022) o asilo é a mais explícita marca segregatória dos idosos.

Camarano e Barbosa (2016) apontam o estigma das ILPIs como ruptura dos laços sociais dos idosos quando, na verdade, as situações de abandono e solidão já podem existir antes da institucionalização. Nesse sentido, as ILPIs também podem ser uma forma de criar novos laços relacionais na vida destes idosos.

Carmo *et al.* (2013), constataram que a maioria dos idosos que moram em instituição consideram os outros idosos como conhecidos, sendo somente em poucos casos considerados amigos e/ou família. Colocaram, também, que alguns idosos gostariam de morar em outras instituições e que, quando independentes, se sentem frustrados pelas limitações institucionais. Os achados de Batista *et al.* (2014) corroboram com o relatado acima, destacando que o processo de institucionalização pode ser vivido com ambiguidade: por um lado, a instituição garante o acolhimento e cuidado às necessidades mas que, de outro modo, sentem-se carentes de contatos e tolhidos em sua liberdade. Atestou, também, que a solidão é comum nesses ambientes e está eminentemente relacionada com a família — ou a falta dela.

Na obra intitulada “A Velhice”, Simone de Beauvoir (1970/2018) criticou a leitura patológica e biologizante da velhice e destacou a importância do fator histórico-cultural acerca da inclusão social dos idosos, chegando a dizer que o estatuto da velha idade é imposto pela sociedade a qual pertence. Assim, é Beauvoir (1970/2018) quem nos fornece as bases para pensar a velhice em sua relação imbricada com o laço social.

O conceito de laço social em psicanálise é a chave de leitura que nos permite discutir questões acerca do convívio dos idosos nas instituições de longa permanência. Isto porque,

neste conceito, estão articuladas “as dimensões de sujeito, coletivo, inconsciente e esfera institucional”. (MEGALE, 2003 *apud* RAHME, 2010, p. 40) Para Rahme (2010), o laço social é o que possibilita o reconhecimento do outro como um semelhante.

As concepções psicanalíticas acerca de como o processo de laço social ocorre no interior da sociedade podem ser pensadas desde Freud, com os textos Totem e Tabu (1913) e Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921). São escritos em que Freud, pela via do mito do pai da horda primitiva, no primeiro, e da apresentação dos processos de identificação, no segundo, tenta responder às questões de como se constitui o pacto simbólico e a coletividade. Um importante conceito que se extrai a partir destas formulações é o conceito de identificação, que Freud (1921/2011) concebe em três tipos, a saber: (1) identificação primária, que diz respeito ao complexo de Édipo, e “se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por ‘modelo’” (FREUD, 1921/2011, p. 48); (2) identificação ao objeto, pela via da regressão e; (3) identificação à um traço-comum com uma pessoa que não é objeto da pulsão sexual. (FREUD, 1921/2011) A partir deste terceiro tipo de identificação, é o Ideal do Eu⁴, colocado no lugar de traço-comum, o que permite aos indivíduos a identificação entre si, no nível do Eu. Em Freud, é precisamente este terceiro tipo de identificação o que permite a constituição do que chamou de “massa”.

Com Lacan, pode-se ir um pouco mais adiante na análise dos processos de constituição do laço social, partindo-se do atravessamento dos sujeitos e suas relações pela linguagem, de onde partem os efeitos inconscientes. (RAHME, 2010) De fato, é no um-a-um dos sujeitos que estão estampadas as inscrições coletivas da linguagem e suas leis, como diz: “o coletivo não é nada senão o sujeito do individual”. (LACAN, 1945/1998, p. 213) Nesse sentido, Rahme (2010) nos faz uma importante contribuição para pensarmos a relação sujeito-coletivo-linguagem:

Na língua, as unidades, os signos, adquirem seu valor a partir de uma diferença e do fato de que nenhum termo pode ser considerado como idêntico a si mesmo, pois cada um se define na sua não-identidade com o outro. Essa constatação nos permite pensar nas similaridades das leis que ordenam uma convivência comum, pois elas operam pela via das diferenciações e das exclusões entre os elementos da coletividade, demarcando fronteiras entre os sujeitos e aqueles designados como seus outros (RAHME, 2010, p. 47)

Podemos relacionar a perspectiva acima com a frase de Lacan (1970/1992, p. 107): “só conheço uma única origem da fraternidade [...], é a segregação”. O que está em jogo é que

⁴ Ideal do Eu: “instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do Eu) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p. 222)

a coletividade, ao se compor pela via do traço identificatório, projeta para fora a hostilidade presente nas próprias identificações, o que acarreta “uma relação de rejeição e de exclusão diante de uma generalidade”, base dos processos de segregação. (RAHME, 2010, p. 48)

Neste ponto, podemos tratar da articulação entre Freud e Lacan, no que diz respeito à relação do sujeito com a alteridade. É a partir do Ideal do Eu, de onde se depreende às identificações que farão o laço pela via de um outro semelhante, isto é, que se identificam porque aspiram a um mesmo Ideal, que podemos alcançar a posição de enunciação situada no lugar de Ideal do grupo. (MILLER, 2016, p. 4) Miller (2016, p. 5) diz que daí pode-se ler dois modos de enunciação: o de um discurso que opõe “nós” e “eles” e que, portanto, resguarda seu laço na própria “alienação subjetiva ao Ideal”; ou um discurso desalienante que irá sobrepor a singularidade dos sujeitos, escancarando a diversidade de relações próprias que estão referidas ao mesmo Ideal.

O discurso analítico está preocupado menos com as identificações a um significante-mestre (S1) que constituem o Ideal de um grupo e mais com o quê pode advir do sujeito a partir de sua relação singular com o significante em questão. Nas palavras de Miller (2016, p. 5), trata-se de “remeter cada um dos membros da comunidade à sua solidão”.

Nota-se que o modo de constituir laço social perpassa os processos de identificação balizados pelo Ideal do Eu. Neste estudo, será importante investigar como os sujeitos entrevistados constituem laço social na ILPI, remetendo-os sempre à sua singularidade.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Na “Proposição de 9 de outubro”, Lacan (1967/2003) estabelece dois operadores que dizem respeito à formação do analista e a transmissão da psicanálise, sendo eles: (1) a psicanálise em intensão, preocupada com a construção dos operadores que fundamentam (2) a psicanálise em extensão, que fará operar o discurso analítico no mundo. Assim, a prática da psicanálise em instituições pode ser relacionada ao movimento de expansão da psicanálise para além de sua aplicação clássica. Neste estudo, trata-se justamente de introduzir o discurso analítico naquilo em que pode, a partir de seus operadores de leitura, se articular com a velhice e o laço social na vivência em instituições de longa permanência.

A presente investigação caracteriza-se como estudo de caso, como define Yin (2001, p. 32): “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Junto a esta definição de estudo de caso, articula-se o dispositivo

psicanalítico, o que pressupõe a construção do caso atrelada às questões teóricas próprias ao campo da psicanálise. Assim, o estudo de caso atrelado à psicanálise constitui-se por: (a) um conjunto de interpretações, com vistas à elaboração de sentido articuladas à teoria; (b) não possui o objetivo de inferências generalizadoras; (c) a análise dos dados trabalha com o conceito de significante, não estando interessada no signo. (LEITÃO, 2018; IRIBARRY, 2003)

2.1 Contextualização da pesquisa

A instituição escolhida foi localizada por meio da rede social do autor da pesquisa. Situa-se no município de Lauro de Freitas (BA), caracterizando-se como instituição filantrópica, sem fins lucrativos, com possibilidade de abrigar até cem (100) idosos. Conta com dois pavilhões, divididos entre os gêneros masculino e feminino. Atualmente, a instituição abriga setenta e quatro (74) idosos, possui dezoito (18) voluntários e quarenta e três (43) prestadores de serviços, entre diretores, enfermeiros, auxiliares e um médico.

2.2 Participantes

Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos participantes

Nome	Idade	Raça/Etnia	Beneficiário do BPC ⁵ ?	Aposentadoria?	Estado Civil	Escolaridade	Anos na ILPI?
Simone	90	Preta	Sim	Não	Solteira	Não alfabetizada	5 anos
Alberto	86	Pardo	Não	Sim	Divorciado	Fundamental incompleto	1 ano e 6 meses

Participaram da pesquisa dois idosos, uma do sexo feminino e um do masculino, seguindo os critérios de possuir idade igual ou superior a 60 anos e residir em ILPI por no mínimo (1) um ano, excluindo-se a participação de idosos que possuíam condições clínicas

⁵ O Benefício de Prestação Continuada (BPC) é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, regulamentado pela Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS (Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993) e pelo Decreto nº 6.214, de 26 de setembro de 2007. O benefício consiste na transferência de renda mensal no valor de um salário-mínimo nacional a pessoas com 65 anos de idade ou mais e a pessoas com deficiência de qualquer idade, com impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial de longo prazo, que o impossibilite de participar de forma plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2019).

neurológicas ou degenerativas que poderiam interferir na realização da entrevista. A tabela a seguir especifica informações acerca dos participantes. Os nomes foram atribuídos de maneira fictícia com o intuito de preservar as suas identidades⁶. Ademais, consideramos igualmente importante destacar alguns marcadores sociais como raça, acesso aos benefícios socioassistenciais e o nível de escolaridade, que compõem relações intrínsecas entre eles e que correspondem às diferenças marcantes ao nível da constituição desses sujeitos como atravessados pelos discursos sociais. (PELÚCIO, 2001)

A primeira entrevistada é uma mulher de noventa anos (90). É preta, não-alfabetizada e mora na instituição há cinco (5) anos. Relata ter tido dois filhos que morreram jovens e criou um outro que, aos vinte e um (21) anos, “seguiu a viagem dele”. Relata que procurou a instituição por espontânea vontade “porque eu não tenho mais ninguém, nem pai, nem mãe, nem irmão...”. À época, diz ter procurado alguns lugares para ficar, mas que “não achava uma (instituição) que me apoiasse, que desse certo comigo”.

O segundo entrevistado é um homem pardo, de oitenta e seis (86) anos, aposentado, que mora na ILPI há um ano (1) e seis (6) meses. Informa que recebe aposentadoria, que fica com a instituição. Relata que só estudou até o primário e que, durante a vida, teve várias profissões: caixeiro, ajudante de mecânico, motorista, porteiro, etc. Perguntado se possuía filhos, comenta que criou dois filhos de um casamento com uma mulher e, posteriormente, revela possuir uma filha que mora no exterior. Chegou à instituição pois foi vítima de crime de estelionato, cometido pelos filhos que ele criou, que venderam a casa.

2.3 Instrumentos de coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de roteiro de entrevista semiestruturado, no qual perguntas principais dividem espaço com outras que emergem da contingência no decorrer da entrevista, como define Manzini (1990; 1991).

O roteiro de entrevista semiestruturado foi dividido em três partes, a primeira buscando saber como se dá a vivência na ILPI, com perguntas como “o que costuma fazer no seu dia a dia?”, “como se sente morando numa ILPI?”. Na segunda parte, investiga-se como os idosos constituem suas relações sociais na instituição, e possui perguntas como “recebe visitas?”, “possui amigos aqui?”. Na terceira parte, as perguntas buscavam averiguar o significado da vida no presente e planos para o futuro. Para levantar alguns marcadores

⁶ Os nomes Simone e Alberto são homenagens à filósofa Simone de Beauvoir e ao escritor e filósofo Albert Camus.

sociais foi feita aplicação de questionário sociodemográfico, onde constam informações acerca da idade, raça/cor, classe social, escolaridade, estado civil etc.

2.4 Procedimentos de análise dos dados

A análise dos dados foi realizada por meio de método de investigação em psicanálise caracterizado como “texto-clínico”, como estabelecido por Montesano (2021). O texto-clínico toma como pressuposto as formulações de Lacan acerca do inconsciente, quais sejam: (a) o inconsciente é estruturado como uma linguagem e (b) o inconsciente é o discurso do Outro.

O esforço pretendido, no desenrolar dos enunciados, é a extração do sujeito (\$) que se constitui como efeito de um dizer e que está dividido entre Saber e Verdade. (MONTESANO, 2021) Assim, no texto-clínico, “se trata da articulação do sujeito em relação ao inconsciente e a linguagem, o que diz respeito ao aspecto enunciativo”. (MONTESANO, p. 219) É, portanto, na enunciação, entendida como a posição do sujeito em relação aos seus ditos, que emerge o sujeito, como observa Lacan (1966/1998, p. 305): “é sempre, portanto, na relação do eu do sujeito com o (eu) de seu discurso que vocês precisam compreender o sentido do discurso, para desalienar o sujeito”.

O relato dos entrevistados foi elevado à condição de texto-clínico, como estabelecido por Montesano (2021), de onde foram extraídos enunciados que apontam para a aparição do sujeito (\$), constituído como efeito de um dizer. O interesse é de sublinhar a posição do sujeito em relação aos seus ditos, isto é, seu aspecto de enunciação, onde está, propriamente, o inconsciente, articulando à posição do sujeito os seus modos singulares de fazer laço social.

Isto posto, nosso método constitui-se a partir de uma operação de leitura-escrita que articula elementos estruturais produzidos no ensino de Lacan, quais sejam: a concepção de inconsciente, discurso, sujeito e desejo, que permitem “articular a divisão da narrativa no regime da divisão do sujeito”. (MONTESANO, p. 223)

2.5 Considerações éticas

Após a anuência dos diretores, via assinatura do Termo de Autorização Institucional, foi solicitada indicações de idosos para participação. As entrevistas foram realizadas em local de conveniência, dentro da instituição, em sala que possuía condições estruturais para a garantia do sigilo e privacidade. Aos idosos foram apresentados ao Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido e, após consentimento, as entrevistas foram gravadas em áudio. Foi tomada a precaução, por meio de Termo de Compromisso de Atendimento Psicológico, com psicólogo registrado devidamente no CFP para, em caso de mal-estar psicológico durante a realização da entrevista, os idosos serem encaminhados à atendimento psicossocial. A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, número protocolo CAAE 40704520.4.0000.5628, seguindo as orientações da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Os resultados serão devolvidos através de reunião ou palestra na instituição.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A descrição dos enunciados precede as análises e discussões com a literatura, que subdividem-se em quatro temáticas: (a) (entre)laços: família e instituição; (b) enlaces com a instituição: (h)a transferência; (c) narcisismo e laço social e; (d) a questão de desejo: a vida antes e depois da morte.

3.1 (Entre)laços: família e instituição

Nesta seção discute-se de que forma os sujeitos entrevistados se relacionam com a família e fazem laço na instituição.

3.1.1 (Des)enlaces com a família

Sujeitos	Enunciados
Simone	“Eu não tenho visitas porque não tenho parente. Sou só no mundo. Só tenho esse filho aí que não me procura... deixa ele lá. Não tenho família, nem pai, nem mãe, nem irmão. Só Deus e eu. Ele [o filho] já telefonou pra mim, diz que ia vir aqui uma hora, e que hora é essa? Ele estava aqui pertinho, mas não veio [tom de voz baixo]. E diz que vem aqui em breve, que breve é esse? Ainda hoje amanheci pensando nisso, se eu pudesse me encontrar com ele... Mas porque nem ele me entende, nem eu entendo ele, duas pessoas que não se entendem. E eu criei mas... Depois de grande que ele entendeu que não dá pra eu ser mãe dele, e que eu entendi que não dá pra ele ser meu filho”.
Alberto	“[Cheguei aqui] por causa dessa casa que eu tenho, e esses filhos que são estelionatários, foi isso que pegou. Eu tenho advogado, ele disse: ‘eles tomaram sua casa, nós não podemos fazer nada, a única coisa que podemos fazer é ir pra delegacia de idoso’”.

	“[Minha filha] em 2016 teve aqui pra me visitar... tô sem contato. Ela tá sabendo... esperando terminar essa epidemia [Covid-19] pra vir”.
--	--

Os enunciados, a princípio, parecem convergir para um ponto que diz respeito ao sentimento de espera quanto à visita dos filhos. Em Simone, vê-se que seus ditos ressaltam não só o desejo de que o filho viesse lhe visitar, mas também sua frustração com a espera. Para ela, a justificativa de seu filho não vir lhe visitar passa pela questão do (des)entendimento: “nem ele me entende, nem eu entendo ele”. Mais adiante, em nossa análise, ver-se-á que a questão do “des-entendimento”, elevado aqui ao nível de um significante (S1), atravessa uma parte dos enunciados de Simone e demarca sua posição de relação com o mundo. Alberto também aguarda a visita de uma filha e justifica a ausência dela pelo fato da pandemia do vírus Covid-19, ocorrida entre 2020 e 2023. No entanto, relata que uma última visita ocorreu em 2016 — período consideravelmente anterior à pandemia — e comenta estar “sem contato” com ela.

Em ambos os entrevistados, temos indícios da distância e do abandono que marcam os laços com a família, em específico, com os filhos. Em nenhum outro momento de seus enunciados encontramos qualquer tipo de relação mais próxima com a família.

A família pode ser vista como um lugar de abrigo, conforto e relacionamentos afetivos, mas também pode ser propiciadora de fenômenos como a exclusão da velhice da convivência familiar e o abandono em instituições. Autores como Evangelista *et al.* (2014), Batista *et al.* (2014) e Carmo *et al.* (2013) indicam que a solidão do idoso está relacionada à alterações no contexto familiar e que a exclusão ocorre com frequência em processos de institucionalização. Em pesquisa sobre o que sentem, percebem e desejam os idosos institucionalizados, Carmo *et al.* (2013) identificaram que muitos idosos afirmam que morar numa instituição não é o mesmo que morar junto à família, onde há o compartilhamento afetivo e social dos laços, e que a falta da relação familiar acarreta sentimentos de solidão. Em nosso estudo, verifica-se que Simone se aproxima dessa vivência quando enuncia: “Não tenho família, nem pai, nem mãe, nem irmão. Só Deus e eu”.

No texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (1938/2003), Lacan distancia-se de uma concepção biológica e natural da família para trazê-la ao campo do social, onde as “instâncias culturais dominam as naturais” (p. 30), colocando a família como “primordial na transmissão da cultura” (p. 30). À estas premissas, pode-se aliar a concepção de Beauvoir (1970/2018) na qual o estatuto da velhice é efeito da sociedade à qual pertence,

com intuito de questionar tal estatuto articulado à noção de família, isto é, questionar qual o lugar da velhice na família na contemporaneidade.

Um dos fatores associados à fenômenos de segregação como esse é indicar que a estrutura familiar é atravessada pelo discurso capitalista e pelo discurso da ciência atuais, de onde emerge o indivíduo autosuficiente, com domínio de si e que não se presta às tradições ou se vê alheio à alteridade. (PEREIRA, 2012) Para Lemos e Couto (2022), o discurso do capitalismo e o da ciência produzem uma universalização do gozo, o primeiro pela via do mercado comum, e o segundo pela constituição de um sujeito universal. Ambos os discursos engendram as condições da passagem do sujeito referido aos ideais do Outro para um sujeito de puro gozo, que persegue a satisfação ilimitada. Assim, um dos efeitos que podem surgir no laço social a partir da incidência destes discursos é o da segregação, na medida em que a alteridade, por ser ela mesma um marcador de diferença, é tomada como insuportável e segregada.

Em investigação acerca do mal-estar contemporâneo, Soler (1998, p. 46) dirá que a segregação é “uma via para tratar o insuportável”. Nesse sentido, Mucida (2022) faz uma reflexão acerca do insuportável da velhice:

Diante do imperativo: *todos devem gozar*, a velhice marca, na maioria das vezes, aquilo que faz limite ao gozo ou um furo no encontro prometido com o objeto. Ela se escancara como a imagem marcada pelo tempo na qual o insuportável de ver reaparece: o limite da castração. (MUCIDA, 2022, p. 85)

Sendo assim, a velhice seria justamente o que revela a inconsistência nos discursos atuais que comportam a promessa de que “todos devem gozar”.

Aliada a concepção de que a velhice pode evocar um insuportável de lidar, especialmente na contemporaneidade, podemos articular a exclusão da convivência familiar com a noção do infamiliar (*das unheimlich*), que compreende um sentimento de estranheza a partir do retorno daquilo que foi uma vez recalcado. A velhice pode ser vista justamente pelo viés da estranheza, de algo infamiliar, tanto porque é aquilo que encontramos fora, no outro, mas que revela algo de mais íntimo em cada um, quanto por tudo o que nela faz signo da castração, isto é, a finitude, as marcas no corpo, a impossibilidade — das quais não se quer saber.

A questão também ressalta um problema no seio das relações familiares entre pais e filhos, no qual Beauvoir (1970/2018) recorre a Freud para elucidar a ocorrência de certas práticas que, no interior da cultura, subjugam os velhos:

O que caracteriza a atitude prática do adulto para com os velhos é sua duplicidade. O adulto inclina-se até certo ponto à moral oficial que vimos impor-se nos últimos séculos, e que os obriga a respeitar os velhos [...] Se a pressão da opinião das pessoas o obriga a assistir seus velhos pais, ele pretende governá-los a seu modo: terá tanto menos escrúpulos quanto mais os julga incapazes de tomarem conta de si próprios. (BEAUVOIR, 1970/2018, p. 229)

É justamente o caráter de “duplicidade” nas relações entre adultos e idosos, pais e filhos, que Beauvoir fundamenta-se em Freud, a partir das contribuições acompanhadas em “Totem e Tabu” (1913) e “Moisés e o Monoteísmo” (1939), acerca da concepção da ambivalência quanto aos pais: os filhos identificam-se à eles ao mesmo tempo em que almejam lhes tomar o lugar. O caso de Alberto deixa mais evidente essa dinâmica: os filhos aplicam-lhe um golpe, tomando-lhe a casa e relegando-o à institucionalização.

Nesse ponto, podemos articular o “caráter de duplicidade” em Beauvoir com a perspectiva psicanalítica acerca dos processos de subjetivação contemporâneos, atravessados pelos discursos citados acima. Dos filhos que não se prestam ao contato, como nos enunciados dos sujeitos ou, como no caso específico de Alberto, que lhe tomam a casa, podemos depreender tanto a hipótese de uma segregação marcada pelo horror ao infamiliar da velhice, de onde pode advir a dificuldade com as visitas e contato, como também a hipótese de um embaraço do sujeito contemporâneo que, ao rejeitar a relação com a alteridade, prioriza a relação com o seu gozo. Assim, ao apontar “o caráter de duplicidade” na relação entre as gerações, Beauvoir evidencia que se o sujeito acaba por respeitar os velhos devido a certa moral vigente, isto é, devido a certo discurso, é também esse próprio discurso que o leva a capturar o sujeito velho como objeto de seu gozo.

Todavia, os impasses dos sujeitos com as relações familiares não são determinantes a ponto de apontarem o fracasso da possibilidade dos sujeitos em questão fazerem laço social. Lacan (1970/1992, p. 107) diz que “a fraternidade surge de um ato de segregação”. É a partir dessa constatação que partiremos para a análise dos laços que se constituem na vivência de institucionalização.

3.1.2 Do impossível do laço aos laços possíveis: instituição e reconhecimento

Sujeitos	Enunciados
-----------------	-------------------

<p>Simone</p>	<p>“Aqui mesmo eu vivo, mas vivo lá no meu cantinho, procurando jeito de não me misturar [...] Amigo é de bom dia, e olhe lá... eu escolho aqueles que dou bom dia”.</p> <p>“Eu levanto de manhã [...] e vou espiar os meninos chegando na creche. Ali eu já arrumei amigo... passam aquelas crianças e pais pra falar comigo, eu me sinto feliz. Ali são amigos que eu estou construindo [...] É o que eu mais gosto aqui é isso [...] Um passa, ‘oi vó’, outro passa, ‘oi vó, oi vó’. Mas isso pra mim é a maior alegria, paz, tranquilidade”.</p> <p>“Moro com cinco pessoas no quarto. [A relação com outras idosas] é meia pesada, mas a gente tem que acostumar”. [Silêncio...] e também é ruim dormir só [...] Não tem graça a gente dormir sozinho, você sabe por quê? Porque você não tem quem dar boa noite, não tem quem dar bom dia. Tem dia que a gente não quer dá bom dia, boa noite... mas pelo menos tem com quem a gente brigar [...] Ao menos você tá vendo que tem companheiras ali no quarto, pra não estar só”.</p>
<p>Alberto</p>	<p>“Me dou bem com todo mundo. Mando minha cuidadora comprar dois quilos de queimado e saio dando a todo mundo aí [risos] Fui muito bem abraçado no dia dos avós pelas crianças, dancei, cantei pros meninos, foi tanto presente... No meu quarto tem uma flor e um coração que eles me deram”.</p> <p>“Chamaram pra cantar, eu canto [...] Dancei com três advogadas [...] cantei três músicas de Nelson Gonçalves e gostaram muito [...] Tem assim de gente querendo me ver [...] Dos diretores aos funcionários, é Alberto pra lá, Alberto pra cá...”</p>

Quanto à circulação nos espaços e a constituição de laços com amigos e/ou outros idosos na instituição, nota-se que Simone e Alberto assumem diferentes posições. Alberto circula na instituição, é demandado a cantar e distribui doces para todos; os enunciados sobre o cotidiano de suas relações são carregados de ânimo. De outro modo, Simone não quer se juntar à "mistura" da instituição: se coloca de canto e diz ter "amigos de bom dia". É notável que a relação com outras idosas se faz presente somente na companhia do quarto, sem deixar de amenizar seu sentimento de solidão. "Nem que seja para brigar", ela diz, e nesse ponto pode-se voltar à questão do “des-entendimento” que atravessa a relação com o filho e que reaparece na relação com seus pares na instituição. Todavia, é relevante verificar que a interação com as crianças da creche e pais aponta para suas possibilidades de fazer laço, como declarou: “são amigos que estou construindo”.

Nesse ponto, pode-se trabalhar a questão do reconhecimento pela via do desejo. Lacan (1966/1998, p. 269) diz que “o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do Outro, [...] porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo Outro”. Isto implica apontar que o quê está em jogo no desejo passa pela tentativa de enlaçamento com o Outro, com a intenção primeira de ser reconhecido por este.

Alberto e Simone encontram diferentes modos de reconhecimento. Alberto é reconhecido "dos diretores aos funcionários", passando pelas crianças da creche, pelas requisições para cantar e pelo "assim de gente querendo me ver". De fato, Alberto é demandado pelo Outro e isto parece suscitar nele uma posição desejante.

Simone, de outra maneira, encontra reconhecimento nas crianças e pais que "passam para falar", colocando-a no lugar de “vó”, e no "bom dia" dos pares. Não é indiferente que no momento com as crianças ela se sinta na “maior alegria, paz e tranquilidade”: é o instante em que ela é reconhecida como semelhante, o que, segundo Rahme (2010), possibilita o laço social. Quanto à relação com as outras idosas, observa-se que ela não está identificada à coletividade do abrigo. No entanto, é evidente que o “bom-dia”/“boa-noite”, no quarto, evita-a de um contato com a solidão: “é ruim dormir só [...] não ter [para] quem dar boa noite”. Pode-se articular esse momento ao enunciado de Lacan que diz que “a fraternidade surge de um ato de segregação” (LACAN, 1970/1992, p. 107). O que Lacan coloca como ‘fraternidade’ é justamente a possibilidade de identificação na medida em que a hostilidade interior ao grupo pode ser projetada para fora, isto é, que algo seja separado, segregado. Neste estudo, vê-se que Simone mantém certo nível de hostilidade para com as outras idosas (“nem que seja para brigar”) e, assim, a possibilidade de laço que ela encontra no outro se dá mediante o traço-comum da solidão: a posição de enunciação “de canto” se vê espelhada na cena do quarto, o que a permite se identificar com as outras idosas na medida em que, nessa hora, cada uma está no seu canto. Com isso, pode-se dizer que a fraternidade ali surgida é a tentativa de segregar a solidão. Impossível não lembrar do escritor e filósofo Albert Camus, que em seu livro “O avesso e o direito”, diz que “as solidões reúnem aquilo que a sociedade separa” (CAMUS, 2018, p. 20).

Desse modo, inscrevem-se dois modos singulares de fazer laço. Alberto está “lá e cá” na instituição, está na “mistura” a qual Simone aponta e se afasta. Simone se coloca de canto, Alberto está por todo canto. Indica-se que o espaço institucional pode propiciar não somente a constituição de novos laços, como também condições que possibilitem a função de reconhecimento dos sujeitos a partir de sua singularidade. Colocada a importância dos laços ‘na’ instituição, procurou-se, a seguir, destacar os laços possíveis ‘com’ a instituição.

3.2 Enlaces com a instituição: (h)a transferência

Sujeitos	Enunciados
Simone	<p>“Aqui mesmo eu vivo, mas vivo lá no meu cantinho, procurando jeito de não me misturar... Que eu acho que é isso que (a diretora) quer saber”.</p> <p>“É ótimo... a gente conversa, depois elas me dão explicação daqueles livros. Livros que elas também nunca leram. Elas lêem pra mim, e estão felizes da vida [...] Porque tô lendo os livros espíritas. Que era pra eu passar a ter mais conhecimento com o espiritismo. Fui eu que falei com elas, e elas se interessaram [...] Elas me ensinam com aquela calma, aquela tranquilidade”.</p>
Alberto	<p>“Já tive duas audiências. Fui com [um dos diretores], adotei ele como meu filho [...] A minha diretora mais [nome do diretor], eles gostam de mim. Eu adoro todos eles, não tem nada. Qualquer coisa eles mandam me chamar”.</p> <p>“O que eu gosto aqui são as amizades. Da diretora aos funcionários.”</p>

Nesse tópico, abordaremos a questão do laço com a instituição a partir do conceito psicanalítico de transferência.

A transferência é um conceito concebido por Freud após a observação clínica de que os afetos e vivências do passado se repetem nas relações do presente com o analista, se atualizando. (FREUD, 1914/2010) No texto de nome “Sobre a dinâmica da transferência” (1912), Freud nos oferece um definição mais ampla:

[...] através da junção de predisposições inatas e influências durante os anos de infância, todas as pessoas adquiriram uma determinada idiossincrasia ao conduzirem a sua vida amorosa, ou seja, daí vêm as condições que a pessoa estipula para o amor. [...] Isso resulta em um clichê (ou em vários deles), que ao longo da vida é repetido regularmente. (FREUD, 1912/2019, p. 107-108)

Sendo assim, Freud, desde o início de sua conceitualização, articula o tema da transferência ao amor, estabelecendo que cada um fará do seu modo de amar algo singular. Desde aí, Freud divide a transferência em três subtipos: a positiva, a negativa e a erótica. A positiva refere-se a transferência de sentimentos simpáticos e carinhosos à alguém, a negativa envolve a transferência de sentimentos hostis e a erótica, por sua vez, envolve a transferência de desejos sexuais. (FREUD, 1912/2019)

Em Lacan, a transferência está articulada à função de um Sujeito Suposto Saber: “desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber, [...] há transferência”. (LACAN, 1964/1988, p. 220) A função do Sujeito Suposto Saber é o alicerce, pivô da transferência e parte da crença que endereça ao Outro a questão do saber. (LACAN, 1964/2008; MARCOS e PARREIRAS, 2022)

A partir dos enunciados, nota-se que Simone e Alberto fazem transferência com a instituição de maneiras diversas. Quando Simone diz “que eu acho que é isso que (a diretora) quer saber” ela indica o sentimento de desconfiança em relação à instituição. Freud (1912/2019) comenta que é frequente o surgimento da transferência negativa em instituições, que pode se manifestar como resistência e provocar recidivas naqueles que se encontram institucionalizados. Assim, é importante notar que a transferência negativa, evidenciada pela desconfiança de Simone quanto à diretoria, pode acarretar efeitos diversos em sua relação com a instituição.

De outro modo, Simone faz transferência, essa positiva, com as professoras voluntárias que leem e ensinam livros sobre espiritismo para ela. Simone diz: “é ótimo... a gente conversa, depois elas voltam me dando explicação daqueles livros”. Nesse ponto, também nota-se a relação transferencial em face da suposição de um saber.

É importante destacar dois aspectos que dizem respeito à relação transferencial de Simone com as professoras. O primeiro diz respeito à um dos efeitos da transferência:

Ora, o que é que se passa? O que se passa é aquilo que chamamos, em sua aparição mais comum, efeito de transferência. Este efeito é o amor. É claro que, como todo amor, ele só é referenciável, como Freud nos indica, no campo do narcisismo. Amar é, essencialmente, querer ser amado. (LACAN, 1964/1988, p. 239)

Assim como em uma análise, Simone evidencia este efeito de amor na medida em que a transferência é uma demanda de amor ao saber: “fui eu que falei com elas, e elas se interessaram”, “elas lêem pra mim, e estão felizes da vida”. À esta relação transferencial estabelecida com as professoras, surge, então, outra forma de Simone, a partir de seu desejo e passando pela via do saber (“pra eu passar a ter mais conhecimento com o espiritismo”), provocar efeito de amor (“estão felizes da vida”) e fazer laço social.

Alberto, por sua vez, escancara a dimensão positiva da transferência ao assumir os diretores e funcionários como amigos e dizer ser bem querido por eles. Ademais, vale destacar como Alberto toma um dos diretores: “adotei ele como meu filho”. Desse enunciado, pode-se perguntar que função o “adotar” um diretor assume no âmbito de suas relações transferenciais com a instituição.

No que diz respeito aos laços sociais, via transferência, dos sujeitos entrevistados, nota-se que se abrem possibilidades para que algo de novo se inscreva na vivência e no cotidiano da instituição. Com Simone, a relação com as professoras intermediada pelo saber, com Alberto, o lugar que lhe é dado na e pela instituição. Cabe destacar a função da instituição como propiciadora não só de espaços de liberdade, ao permitir as aulas sobre espiritismo, no exemplo do caso de Simone, mas também como atribuidora de papéis aos idosos, como no caso de Alberto.

Indica-se que a transferência possa ser um meio pelo qual os idosos possam criar laços com a instituição e, por este motivo, pensar a transferência nas ILPI pode ser uma ferramenta importante para o fazer institucional.

3.3 Laço social e narcisismo

um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar. (Freud, 1914, p. 29)

Para tratarmos do narcisismo em sua articulação com laço social é preciso fazer uma pequena digressão deste conceito psicanalítico, a fim de situar nossa discussão.

Sujeitos	Enunciados
Simone	“Porque eu também não sou muito coisinha boa não, não sou muito santinha, não. Não venha com essa. Não me dou bem com todo mundo”.
Alberto	"O dilema meu, que não posso esquecer, é que acordo três horas da manhã, me recomendo a Deus, entro no banheiro, tomo meu banho, sabonete não me falta... Perfume, meu armário está lotado. Quando tem bingo eu digo: eu quero é perfume”. “Beijo que já recebi dessas meninas aí... já tenho o rosto pintado. Dizem ‘ele é caminhoneiro, não facilita com ele!’. Muita menina aí gostando de mim. Me dou bem com todo mundo”.

Freud conceituou o nascimento do Eu e a passagem para o narcisismo no texto de nome “Introdução ao narcisismo” (1914). Para Freud (1914/2010) o início da vida não comporta aquilo a que chamamos de Eu, isto é, o Eu precisa ser desenvolvido. Inicialmente,

as pulsões autoeróticas⁷ estão dispersas pelo corpo e será através do narcisismo primário que o bebê fará a “tentativa de dar consistência à dispersão corporal por meio de certa unidade corporal representada pelo Eu Ideal” (MUCIDA, 2022, p. 98). Nesse sentido, o Eu Ideal é a constituição de uma primeira imagem narcísica: “a esse Eu Ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância” (FREUD, 1914/2010, p. 40). No entanto, na continuidade do desenvolvimento do Eu, há uma passagem do narcisismo primário, onde o paradigma é o “amor a si mesmo” que toma o Eu como Ideal, para o narcisismo secundário, no qual o investimento libidinal se desloca para o Ideal do Eu, isto é, os ideais dos pais, da educação, da sociedade, enfim, os ideais do Outro. (FREUD, 1914/2010)

Ressaltar a passagem para o Ideal do Eu, formados pelas exigências impostas a partir da entrada no mundo simbólico, é especialmente importante para pensarmos os enunciados dos sujeitos. Simone traz que não é “coisinha boa”, “santinha” e que não se dá bem com todo mundo; enquanto que Alberto chega a dizer o inverso: “me dou bem com todo mundo”. A partir do modo como cada um constitui seu narcisismo, podemos analisar seus efeitos no tocante a maneira de fazer laço.

Mucida (2022, p. 107) assinala que “o Ideal do Eu marca o ponto pelo qual o sujeito se verá como visto pelo Outro [...] no qual ele poderá receber o amor do outro”. Como apresentado por Freud no texto “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921), o Ideal do Eu está relacionado aos investimentos libidinais que o sujeito faz com o Outro, sendo fundamental para a constituição dos laços. A velhice, porém, pode ser marcada por diversos impedimentos que dizem respeito à sustentação destes ideais. À esse respeito, Mucida (2022, p. 99) traz uma contribuição importante:

[...] a carência de traços simbólicos introjetados pelo ideal do eu, pelos quais o sujeito se via susceptível de ser amado, na ausência de um ideal que possa servir de mediador entre o eu e o narcisismo e na carência de laços sublimatórios, poderá subsistir para alguns idosos tanto o apego aos objetos quanto o predomínio do ódio, além de estados depressivos passageiros ou não. Isso que o senso comum costuma caricaturar como “mania de velho” [...] parece-nos uma tentativa de se manter determinada consistência de si mesmos.

⁷ Pulsões autoeróticas ou autoerotismo: (a) “característica de um comportamento sexual em que o sujeito obtém a satisfação recorrendo unicamente ao seu próprio corpo, sem objeto exterior [...]”; (b) característica de um comportamento sexual infantil precoce pela qual uma pulsão parcial, ligada ao funcionamento de um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra a sua satisfação no local, isto é: 1) sem recorrer a um objeto exterior; 2) sem referência a uma imagem do corpo unificada, a um primeiro esboço do ego, tal como caracteriza o narcisismo” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p. 47).

Para a autora, as marcas que a velhice inscreve — o irreparável da imagem, perdas etc. — podem propiciar um retorno ao Eu Ideal, o que significa uma regressão ao narcisismo primário, tanto mais infantil como também alheio ao Outro.

Os enunciados de Simone parecem indicar a falta de Ideais do Eu, que poderiam guiá-la em seu enlaçamento com os outros idosos. Não há, em seu caso, nenhuma identificação à um ideal que possa instigá-la ao laço, senão a identificação à solidão, como visto no primeiro tópico. Vê-se a prevalência de sentimentos hostis em relação aos outros idosos na instituição, chegando a dizer, em certo momento da entrevista, que “não gosta daquelas pessoas [os outros idosos]”. Mucida (2022) aponta que a regressão da libido ao próprio Eu, na velhice, pode ser uma forma de resistir ao apagamento das singularidades dos sujeitos. A via do silêncio, da pirraça ou mesmo do ódio que podem predominar no estado geral de alguns velhos são maneiras de preservar algo de seu desejo. Simone recolhe-se em um “canto”, assume predominantemente uma posição de hostilidade para com os outros e diz que está esperando a morte, o que acaba por assinalar uma queda dos ideais, dificultando a criação de novos laços na instituição.

Alberto, por sua vez, faz do seu narcisismo um “dilema” que “não pode esquecer”. Cotidianamente, Alberto acorda cedo, toma banho, se arruma e passa perfumes. Se apresenta, ainda, através de uma imagem que o revela como um verdadeiro *Don Juan*: “muita menina aí gostando de mim”, “elas tudo me querendo”. Ponto chave para a constituição de laços sociais, seus Ideais de Eu mantêm-se vivos, o que se revela em sua identificação como “caminhoneiro”, no seu “dilema” cotidiano e no seu desejo de “dar um forazinho dia de sábado”. Sobre este último enunciado, vê-se que a sexualidade de Alberto mantêm-se viva, ponto que será trabalhado no próximo tópico.

Assim, nota-se que o Ideal do Eu, como uma das funções do narcisismo, exerce uma função “tipificadora no desejo do sujeito”. (LACAN, 1957-1958/1999, p. 302) Nos enunciados de Simone, a ausência de um narcisismo que projete-a ao campo do Ideal do Eu e que venha a regular a sua relação com o desejo a deixa menos propícia à constituição de novos laços, principalmente no que diz respeito aos outros idosos. Em Alberto, alcançar o Ideal do Eu é um dilema cotidiano.

3.4 A questão do desejo: a vida antes e depois da morte

Sujeitos	Enunciados
-----------------	-------------------

Simone	“Eu penso que o dia que eu partir... O que é importante na vida da gente é a morte. Não tem nada de importante no mundo pra gente, mais do que a morte. Eu não tenho medo, eu sei que é o caminho certo. Eu estudo pra isso, pra entender o que é a passagem da morte. Eu não tenho medo da morte. Porque a gente fica se perguntando: como é a morte? Mas se você estudar, entender... Você não tem medo. Eu estou esperando a hora, chegar a hora...”.
Alberto	“Eu preciso dar um fora, arranjar uma namoradinha pra ir dar um bordeio. Porque eu ainda não morri”. “Sair, pegar uma gatinha, tirar um soninho por aí, agarradinho, um beijo e abraço... Isso eu sei que eu vou arranjar, eu gostava muito de mulher... Se você ver quantas francesas tem aí no álbum, tá cheio. Quem é que não gosta de mulher? é o outro... Porque eu gosto. E também só quero falar que preciso sair, e elas tudo me querendo... Tem que dar um forazinho dia de sábado”.

A questão do desejo traduz boa parte do esforço teórico e clínico da psicanálise. Assim, como mais um operador dentro do discurso analítico, faz-se importante a articulação do desejo com os enunciados dos sujeitos, buscando-se averiguar a relação do desejo dos sujeitos na medida em que ele pode possibilitar o laço social. De outra forma, falar da velhice sem trazer o aspecto do encontro com a finitude poderia incorrer no apagamento desta importante dimensão.

No seminário “A ética da psicanálise” (1959-1960), Lacan comenta:

[...] o tragicômico existe. É aí que reside a experiência da ação humana, e é por sabermos [...] reconhecer a natureza do desejo que está no âmago dessa experiência, que uma revisão ética é possível, que um juízo ético é possível, o qual representa essa questão com seu valor de Juízo final — Agiste conforme o desejo que te habita? (LACAN, 1959-1960/1988, p. 376)

Tratar de uma revisão ética das ações humanas pela perspectiva do desejo tem valor de “juízo final” no interior da psicanálise. A perspectiva do tragicômico, por sua vez, não é o que Lacan parece apontar no que reside de oscilação e de engodo na experiência humana com o desejo?

Sendo assim, ao articular o desejo com a velhice e a morte, pode-se pensar, junto à Mucida (2022, p. 135), que “quando o sujeito pensa na morte, ele a pensa como forma de desalojar a inquietude que a vida lhe impõe e que, tantas vezes, não sabe tratar”. Alia-se a isso a concepção de Freud que diz que investigação psicanalítica revela que “no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade”. (FREUD, 1915/2010, p. 230) Sendo assim,

para a psicanálise, a morte temida pelo sujeito não é a morte do corpo biológico, mas sim a morte do desejo .

Simone e Alberto possuem a morte em perspectiva, mas assumem posições diferentes quanto à ela. Nesse ponto, a noção de morte do desejo pode ser a chave para extrair dos enunciados a posição de enunciação dos sujeitos perante à vida.

Simone interpela o saber para dar conta da morte. Demanda às professoras que lhe ensinem sobre os livros espíritas “para entender o que é a passagem da morte”. No seminário 7, “A ética da psicanálise” (1959-1960), Lacan adota uma noção do filósofo Marquês de Sade chamada “entre-duas-mortes” que permite-nos articular a fala de Simone.

A noção do “entre-duas-mortes” compreende a ideia de que há um espaço de tempo entre a primeira morte, sendo esta a morte do corpo biológico, e a segunda morte, que é a morte do ‘nome’ do sujeito naquilo que ele deixou de vestígio na ordem simbólica, sua marca no Grande Outro. Essa dimensão, que não morre com o biológico, é propriamente a dimensão significativa, que se estende até o que Lacan chamou de aniquilamento: o apagamento do Ser enquanto significativo no simbólico, que paradoxalmente se eterniza até a segunda morte, isto é, até o nada mais radical:

A primeira fronteira, quer esteja ligada a um prazo fundamental a que se chama velhice, envelhecimento, degradação, quer a um acidente que rompe o fio da vida, a primeira fronteira é aquela onde, com efeito, a vida se acaba e tem seu desenlace. Pois bem, é evidente, e desde sempre, que a situação do homem se inscreve no seguinte: que essa fronteira não se confunde com a da segunda morte, que se pode definir sob a fórmula mais geral, dizendo que o homem aspira a aniquilar-se para se inscrever nos termos do ser. A contradição oculta, o detalhe a se compreender é que o homem aspira a destruir-se na própria medida em que se eterniza. (LACAN, 1960-1961/2010, p. 128)

Para Campalans (2021, p. 1), essa dimensão significativa possibilita definir o após a morte como “a ilusão da permanência eterna desse intervalo”. Nesse ponto, podemos entrelaçar a ideia desse intervalo ao próprio desejo de saber de Simone. Ela diz: “Eu estudo pra isso, pra entender o que é a passagem da morte”. Pode-se dizer que a noção de segunda morte produz “um efeito subjetivo” (CAMPALANS p. 1), que lança-a para um mais além da morte biológica, pela via do espiritismo. Isto não significa dizer que a religião intervém nesse intervalo para apaziguar o sujeito da sua primeira morte, mas que ela advém desse intervalo a partir da promessa de que ele será eterno. Sendo assim, a morte assume valor de uma passagem, conforme o enunciado de Simone, e a religião lança um véu que mascara não a primeira, mas a segunda morte, o aniquilamento do nome.

Além disso, onde ela enuncia que está “esperando chegar a hora [de morrer]” cabe indicar como Simone se apropria do seu desejo. No tópico anterior, viu-se que a queda dos

ideais dificultam seu acesso a novos laços com outros idosos dentro da instituição e, levando-se em conta que tais ideais guiam o desejo, deduz-se que o que tem lhe restado na vida é esperar a morte. Esta posição subjetiva de Simone não é necessariamente trágica; ela pode indicar, inclusive, certo consentimento com o limite e com o indizível da morte, ainda que esse consentir perpassa uma elaboração pela via religiosa e apelo ao saber.

Se no enunciado de Simone depreendemos uma grande questão diante da morte que à convoca, de Alberto pode-se dizer: da morte, ele nada quer saber.

Os enunciados de Alberto apontam para uma posição desejante que o implica nas relações com os outros idosos, amigos, diretores, funcionários e mulheres. “Porque eu ainda não morri” é o enunciado chave que revela a condição desejante de Alberto. Com o seu corpo vivo, Alberto faz furo no imaginário social que tende a capturar a velhice como um momento de desaparecimento do desejo, arrefecimento das relações, frigidez sexual e espera da morte. Capaz de desalojar da velhice o sinônimo de decrepitude, Alberto destaca, com a veemência de um “eu preciso dar um fora, arranjar uma namoradinha pra ir dar um bordeio”, que sua sexualidade mantém-se viva, demarcando uma posição desejante. A única coisa que lhe impede de dar “um forazinho dia de sábado”, relata ele, é a questão financeira, a qual espera ser resolvida pela justiça.

A sexualidade na velhice geralmente é tratada como um tema tabu. Mucida (2022) traz indicações sobre as motivações que deslocam para fora da discussão a pauta da sexualidade na velhice. O rechaço à sexualidade na velhice se dá na medida em que as marcas da velhice deslocam da cena sexual a performance, as demonstrações de desempenho e o gozo inacabável. É importante assinalar que a ausência ou presença do desejo não é determinada pela idade cronológica e que, na velhice, a sexualidade pode encontrar novos caminhos de inscrição (MUCIDA, 2022). Assim, Alberto é um exemplo de que o desejo sexual não se esgota com a idade: “quem não gosta de mulher? é o outro... porque eu gosto”.

A partir dos relatos de Simone e Alberto, vê-se que a posição desejante dos sujeitos é determinante nas escolhas que fazem em direção às inclinações, investimentos e preocupações atuais e futuras. Simone espera a morte sem necessariamente estar passiva à ela: convoca o saber para dar conta do Real. Alberto sabe da finitude: toma a morte para fazer valer a vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar a constituição do laço social de idosos institucionalizados, através de uma perspectiva psicanalítica. No que diz respeito à relação

dos sujeitos desta pesquisa com a família, verificou-se que a situação de exclusão familiar é marcante, depreendendo-se daí a hipótese de que a velhice evidencia o infamiliar do laço social contemporâneo, na medida em que este é marcado pelo discurso capitalista e discurso da ciência, que visam a universalização do sujeito e do gozo sem-limites. A velhice, então, revela a inconsistência e a impossibilidade de tais discursos, ao fazer signo da falta e do limite e ao desvelar sua face infamiliar.

Apesar da segregação familiar, o ambiente da instituição, nesta pesquisa, apontou para a possibilidade de constituição de novos laços na história dos sujeitos, podendo propiciar condições para que os sujeitos sejam reconhecidos em sua singularidade, isto é, apontando um lugar, no desejo da instituição, que possa fazer emergir a condição desejante dos idosos. Nesse sentido, indica-se que pensar a transferência em ambientes como as ILPI pode ser uma ferramenta importante para o fazer institucional.

Viu-se que a maneira como os idosos constituem seu narcisismo se relaciona com as possibilidades de fazer laço com o Outro e que a manutenção de ideais que regulem a relação com o próprio desejo podem projetar os sujeitos para o futuro, bem como propiciar identificações que resultem em novas relações no interior da ILPI.

Ademais, buscou-se destacar o aspecto singular dos sujeitos na vivência de institucionalização. Simone, mulher negra e desfavorecida economicamente, chega até a instituição por não ter amigos nem família e vivencia o cotidiano da instituição com poucos laços que, no entanto, não deixam de ser significativos: apresentam um lugar possível para ela no desejo do Outro e ajudam-na a suportar a solidão e a passagem para a morte. Alberto, homem pardo e de baixa escolaridade, entra na instituição porque foi vítima de crime de estelionato, no qual os filhos tomam-lhe a casa. Sua vivência na instituição comporta muitos laços afetivos, demandas para cantar e dançar e uma relação viva com o próprio corpo e sexualidade. Dessa forma, mostrou-se que os sujeitos se posicionam diante o laço social conforme suas histórias de vida, seus modos de conceber a própria imagem e sua relação com o desejo.

Sugere-se pesquisas que possam questionar de que modo os marcadores de interseccionalidade, como raça e sexo, influenciam a vivência de institucionalização, fatores que este estudo, apesar de evidenciar marcante diferença entre as vivências, não alcança.

A contingência da velhice numa instituição é muitas vezes marcada pela presença da solidão, segregação e abandono, mas não pode ser reduzida a tais vivências. Ao contrário, vislumbra-se a instituição como lugar que atribui aos idosos um lugar em seu desejo, que propicie espaços de liberdade para atividades e expressão de singularidades e que esteja

disposta a desmontar a cadeia de repetição marcadas pelo abandono e segregação. Trata-se de implicar a instituição em seu fazer a partir de ferramentas que auxiliem a aparição do sujeito em sua singularidade, a saber: as condições para constituição de novos laços sociais, a implicação nos processos transferenciais, a preocupação com o autoconceito dos sujeitos e a abertura necessária para que o desejo possa surgir e circular para além de seus muros.

Assim, indica-se a necessidade de pesquisas que possam implicar as ILPI em seu fazer cotidiano, estabelecendo relações entre o fazer institucional e a vivência dos idosos institucionalizados. Desse modo, questiona-se a instituição sobre seu lugar no laço social, indicando-se que os seus muros, muito antes de representar o dentro-fora da sociedade, podem se dispor num plano contínuo com o laço social. Não se trata de responder aos ideais de reinserção social, homogeneizando práticas e expondo os sujeitos à uma lógica universal, mas de propiciar abertura para que os idosos possam transitar em sociedade ‘apesar’ e ‘com’ a instituição.

REFERÊNCIAS

- ABREU, T.; FERNANDES-ELOI, J.; SOUSA, A. Reflexões acerca dos Impactos Psicossociais da Institucionalização de Idosos no Brasil. **Revista Kairós: Gerontologia**, vol. 20, nº 20, 333-352, 2017.
- ABRISQUETA-GOMEZ, J. Memória e envelhecimento cognitivo saudável. *In*: MALLOY-DINNIZ, L. F.; FUENTES, D.; COSENZA, R. M. **Neuropsicologia do envelhecimento**. Artmed, p. 171-196, 2013.
- ARAÚJO, L. F. de; CARVALHO, V. Ângela M. de L. e. Aspectos Sócio-Históricos e Psicológicos da Velhice. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 6, n. 13, 2010.
- BATISTA, M. R. F. F.; MENESES, K. M.; POMPEU, L. F. et al. A percepção do idoso sobre sua vivência em Instituição de Longa Permanência. **Rev. enferm. UFPE online**. Recife, 8(7):1988-96, 2014.
- BATISTONI, S. S. T. Contribuições da Psicologia do Envelhecimento para as práticas clínicas com idosos. **Psicol. pesq.** Juiz de Fora, vol. 3, nº 2, p. 13-22, 2009.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BISPO, F. S. A ética da contingência e a implicação da psicanálise no laço social. **Psicologia Revista**, [S. l.], vol. 23, nº 1, p. 75–95, 2014.
- BRASIL. Ministério da Cidadania. Benefício de Prestação Continuada (BPC). [Brasília]: Ministério da Cidadania, 25 nov. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/beneficios-assistenciais/beneficio-assistencial-ao-idoso-e-a-pessoa-com-deficiencia-bpc>. Acesso em: 22 mai. 2023.

CAMARANO, A. A.; BARBOSA P. Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: do que se está falando? *In: ALCÂNTARA A. O.; CAMARANO A. A.; GIACOMIN K. C.; (Orgs). Política nacional do idoso: velhas e novas questões.* Rio de Janeiro: IPEA, p. 479-514, 2016.

CAMPALANS, L. Da transitoriedade à segunda morte. *In: O Efêmero.* Calibán: *Revista Latinoamericana de psicoanálisis*, 2021.

CAMUS, A. **O avesso e o direito (1958).** Tradução: Valerie Rumjanek. Record Ltda: Rio de Janeiro, ed. 9, 2018.

CARMO, H. et al. Idoso institucionalizado: o que sente, percebe e deseja? **Revista Brasileira De Ciências Do Envelhecimento Humano**, 9(3), 2013.

CARNEIRO, C. O. Estudo de casos múltiplos: estratégia de pesquisa em psicanálise e educação. **Psicologia USP**, vol. 29, nº 2, p. 314-321, 2018.

CARSTENSEN, L. L.; TURK-CHARLES, S. **The salience of emotion across the adult life course.** *Psychology and Aging*, 9, 1994, p. 259-264.

CASTILHO, G. **Psicanálise e velhice: o "idoso" é obsoleto?** Trivium: Rio de Janeiro, vol. 4, nº 1, p. 48-58, 2012.

EVANGELISTA, R. A. et al. Percepções e vivências dos idosos residentes de uma Instituição asilar. **Rev Esc Enferm USP**, vol. 48 (Esp2), p. 85-91, 2014.

FREUD, S. **Psicoterapia (1905).** *In: Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905).* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Recordar, Repetir e Elaborar (1914).** *In: Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913).* Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Cia.das Letras, 2010.

_____. **Introdução ao narcisismo (1914).** *In: Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O inconsciente (1915).** *In: Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915).** *In: Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O inquietante (1919).** *In: Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil: ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920).* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu (1921)**. In: Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sinopse do Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 2016.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? Rio de Janeiro, **Ágora: Estudos em teoria psicanalítica**, vol. 6, nº 1, p. 115–138, 2003.

KYRILLOS, F.; SILVA, C. R. A. Psicanálise e instituições: Preâmbulos para a práxis do psicanalista. **Vínculo: Revista do NESME**, vol. 19, nº 1, p. 75-85, 2022.

LACAN, J. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960)**. In: Escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

_____. **O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada (1945)**. In: Escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1998.

_____. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953)**. In: Escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1998.

_____. **Posição do inconsciente (1960/1964)**. In: Escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1998.

_____. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957)**. In: Escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1998.

_____. **O simbólico, o imaginário e o real (1953)**. In: Nomes-do-Pai. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

_____. **Ou pior... (1971/1972)**. In: Outros escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, p. 544-550, 2003.

_____. **Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967)**. In: Outros escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 248-264, 2003.

_____. **Outros escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

_____. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)**. Tradução: Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. **O Seminário, livro 8: A transferência (1960-1961)**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **O Seminário, livro 10: A angústia (1962-1963)**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)**. Tradução: Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. **O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973)**. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEITÃO, I. B. A construção do estudo de caso em psicanálise: Revisão de literatura. **Contextos Clínicos**, vol. 11, nº 3, p. 410-424, 2018.

LEMOS, G. B.; COUTO, D. P. DO. A noção de segregação: O que a psicanálise tem a nos dizer sobre isso? **Pretextos: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, vol. 6, nº 12, p. 328-351, 2022.

LIMA, Â. M. M. de.; SILVA, H. S. da; GALHARDONI, R.. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, vol. 12, nº 27, p. 795–807, 2008.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**: São Paulo, vol. 26, 1990.

_____. A entrevista na pesquisa social. **Didática**: São Paulo, vol. 27, 1991.

MARCOS, C. M.; PARREIRAS, L. S. A modificação do saber e suas implicações para a transferência. **Psicologia em estudo**, vol. 27, 2022.

MILLER, J-A. Teoria de Turim: Sobre o sujeito da Escola. **Opção Lacaniana**, ano 7, nº 21, 2016.

MONTESANO, H. **El texto clínico: Un nuevo género del discurso**. *Letra Viva*: Buenos Aires, 2021.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. Autêntica: Belo Horizonte, 2022.

NERI, A. L. **Neuropsicologia do envelhecimento**: uma abordagem multidimensional. *In*: Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. Orgs: Malloy-Diniz, Fuentes e Consenza. Porto Alegre: Artmed, 2013.

NETTO, M. P. O estudo da velhice: Histórico, definição do campo e termos básicos. *In: FREITAS, E.V. et al. Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 62-75, 2013.

PELÚCIO, L. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à AIDS. *Saúde e Sociedade*, vol. 20, nº 1, p. 76–85, 2011.

PEREIRA, D. S. **O individualismo moderno e a questão do pertencimento social**: Duas faces de uma mesma história. Monografia, Unijuí, 2012.

PIMOUGUET, C. et al. **Impact of living alone on institutionalization and mortality**: A population-based longitudinal study. *Eur J Public Health*. vol. 26, nº 1, p. 182-7, 2016.

PRADO, S. D., & SAYD, J. D. A gerontologia como campo do conhecimento científico: Conceito, interesses e projeto político. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 11, nº 2, p. 491–501, 2006.

RAHME, M. M. F. **Laço social e educação**: Um estudo sobre os efeitos do encontro com o outro no contexto escolar. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

RIVERA, T. Ensaio sobre o espaço e o sujeito: Lygia Clark e a psicanálise. Rio de Janeiro, **Ágora: Estudos em teoria psicanalítica**, vol. 11, nº 2, p. 219–238, 2008.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista De Enfermagem*, vol. 20, nº 2, 2007.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan**: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROZENDO, A. da S.; JUSTO, J. S. Institucionalização da velhice e regressão: um olhar psicanalítico sobre os asilos de velhos. São Paulo: **Revista Kairós Gerontologia**, vol. 15, nº 8, p. 25-51, 2012.

SANTOS, Á. da S. et al. Sobre a Psicanálise e o Envelhecimento: Focalizando a Produção Científica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 35, 2019.

SILVA, B. R. da; FINOCCHIO, A. L. A velhice como marca da atualidade: uma visão psicanalítica. **Vínculo**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 23-30, 2011

SIQUEIRA, M. E. C. Teorias sociológicas do envelhecimento. *In: FREITAS, E. V. et al. Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 47-57, 2013.

SOLER, C. Sobre a segregação. *In: BENTES, L.; GOMES, F. O brilho da in-Felicidade*. Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Kalimeros, p. 43 -53, 1998.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.